

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa

Those who celebrate also educate: reflections on a party pedagogy

Fernanda Nílvea Pompeu Varela
Benedita Celeste de Moraes Pinto
Flávio Bezerra Barros
Universidade Federal do Pará-UFPA
Belém/Pará-Brasil

Resumo

O carapajoara aprende e transforma pela festa, por uma cultura denominada pedagogia festiva, categoria que se atrela a um saber tradicional fruto da produção de significados dos pretos e pretas viventes na vila de Carapajó/Cametá-Pará. Dessa forma, busca-se com este artigo analisar a luta por espaços, bem como compreender o valioso processo de resistência dos atores envolvidos. Sendo assim, questiona-se de que forma a sobrevivência da cultura, das memórias, das práticas e das narrativas orais está diretamente relacionada aos conhecimentos que são produzidos historicamente acerca da festa, do dançar, do rezar. A partir disso, concentramo-nos nos aportes de AMARAL (1988); BRANDÃO (2020); PESSOA (2005); ORLANDI (1999); PINTO (2007); RIBEIRO JÚNIOR (1982) com vistas a discutir a herança de uma ancestralidade preta que se mistura à realidade da Amazônia Tocantina. Através da análise dos discursos dos sujeitos locais, vislumbra-se o que se ensina e se aprende nas condutas do festejar como parte da memória cotidiana e da luta implementadas nos campos social, cultural, político e ideológico dos carapajoaras.

Palavras-chave: Pedagogia; Festa; Preto.

Abstract

The carapajoara learns and transforms through the party, through a culture called festive pedagogy, a category that is linked to a traditional knowledge resulting from the production of meanings of blacks living in the village of Carapajó, Cametá municipality, Pará State. Thus, this article seeks to analyze the struggle for spaces, as well as to understand the valuable resistance process of the actors involved. Thus, it is questioned how the survival of culture, memories, practices and oral narratives is directly related to the knowledge that is produced historically about the party, dancing, praying. From this, we focus on the contributions of AMARAL (1988); BRANDÃO (2020); PERSON (2005); ORLANDI (1999); PINTO (2007); RIBEIRO JÚNIOR (1982) with a view to discussing the heritage of a black ancestry that mixes with the reality of the Tocantina Amazon. Through the analysis of the speeches of the local subjects, it is possible to glimpse what is taught and learned in the conduct of celebrating as part of the daily memory and struggle implemented in the social, cultural, political and ideological fields of Carapajoaras.

Keywords: Pedagogy; Party; Black.

Confluências pedagógicas: entre saberes e resistências

Nos meandros do processo de construção de identidades e resistências, a festividade de São Benedito de Carapajó fez-se matéria-prima para uma dissertação de mestrado, sob o título de “Uma Festa de Pretos”: Ecos de Resistências e Poder no Culto a São Benedito em Carapajó/Cametá-Pará (2020), de autoria de Fernanda Nílvea Pompeu Varela, da qual foram extraídos informações e dados que deram origem a construção do presente artigo. Neste, especificamente, fala-se de uma festa que se constrói, em toda sua projeção, a partir de saberes que partem da participação expressiva de diversos segmentos sociais engendrados nesse evento. Nesse sentido, uma vez que a festa se torna um lugar de sociabilidade no qual se ensina e se aprende, essa troca de experiências permite/iu que o culto a São Benedito crescesse e se tornasse um dos maiores eventos construído de significados da Amazônia Tocantina.¹

Por esses caminhos, busca-se compreender e interpretar esses saberes tradicionais, protagonizados dentro de um espaço de produção de cultura que, aqui, denominamos de “Pedagogia da festa”. Os múltiplos significados que demarcam o festejo de São Benedito se constituem práticas históricas, políticas, socioantropológicas, em torno das relações construídas no contexto da festa. Com efeito, tal manifestação cultural reafirma sua importância enquanto símbolo que emana saberes constituídos e pertencentes ao negro carapajoara. Assim, vislumbram-se saberes que estão presentes e que fazem da festa do referido santo um lugar de aprendizagens.

Dessa forma, tratamos das construções culturais, no tocante aos seus ritos, formas de organização e mediante as tensões geradas pelas diferenças históricas e sociais tecidas durante a festa, particularmente, a luta de classes pela hegemonia cultural. Vê-se nitidamente os saberes fluindo, educando, encantando e envolvendo gerações. Entende-se, com isto, que a educação se dá nas diversas ações dos sujeitos e em suas convivências sociais, visto que “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência” e, assim o saber se desenvolve “pelos atos de quem sabe e faz, para quem não sabe-e-aprende” (BRANDÃO, 2007, p. 17-18). Essas trocas entre aprender-ensinar-aprender podem ser celebradas nas palavras de dona Raimunda Damasceno:

As coisas sobre a festa a gente vai aprendendo, assim né, com os antigos, então essas histórias que eu levava pra ti já era a mamãe que me contava e o que ela me contava eu ia passando adiante, mas nem tudo eu me lembro do tempo dos antigos. Os antigos eles é que sabiam de tudo como foi e nos contavam (Narrativa de dona Raimunda Damasceno, filha do presidente da Irmandade Amâncio Damasceno, moradora da vila, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

Dessa forma, com vistas às narrativas desses sujeitos, empreende-se uma análise do discurso como uma tentativa de entender e explicar como se constrói o sentido de uma memória e como essa memória se articula com a história, com a festa. O discurso é o nosso objeto de pesquisa, assim o vemos e através disso, temos mecanismos para uma reflexão que nos leve a interpretar os sentidos, a descobrir marcas estruturais e ideológicas de aprendizagem dentro da festividade de São Benedito de Carapajó.

A partir daí, compreende-se que os carapajoaras que celebram, cantam, louvam e dançam a São Benedito, vivenciam essa troca de saberes que estão imersos nessa relação de saber-fazer e saber-aprender. Por meio dessa compressão foi possível observar os diversos saberes que são compartilhados no contexto desta festividade e a partir deles pode-se visualizar uma troca de conhecimento que se encaminham para um processo educativo. É nesta perspectiva de educação não formal que se baseia as análises sobre os saberes e processos educativos inseridos na festa de São Benedito, reconhecendo que essa festa é um espaço que educa. Nas palavras de dona Dedê, encontra-se uma nova motivação para falar do culto de São Benedito como um palco propício para uma pedagogia festiva, o que é comum vermos fluir nas populações simples da Amazônia Tocantina.

Mas graças a Deus eu aprendi muita coisa, aprendi, convivi, e hoje eu me sinto feliz e eu criei eles com muita luta [os filhos] todos me respeitam e eu não posso me queixar. Combati o bom combate e hoje estou de reserva, mas, é uma vitória tudo o que a gente ensinou e aprendeu com a festa (Dona Dedê, 67 anos).

No relato de dona Dedê transcorreram linhas significativas para pensarmos na festa enquanto um espaço onde a produção de saberes é contínua. Todo o conhecimento acumulado por ela, não somente os adquiridos no âmbito profissional ou escolar, mas também, sobre o processo de lutas de classes dentro da festividade de São Benedito necessita ser reconhecido politicamente, como a acumulação de um saber histórico, de uma memória, de uma resistência.

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa

A sabedoria de dona Dedê construiu-se socialmente em discursos e ações e ratifica a conquista do preto sobre a posse da festa demonstrando uma reorganização que foge a razão instrumental do colonizador, que colocava o homem e a mulher locais como meros festantes e não como agentes sociais, produtores de culturas e saberes. Uma releitura desses sujeitos e de suas manifestações culturais - sejam costumes, usos, narrativas, suas festas incutem formas das quais homens e mulheres, tão subalternizados pelas questões de poder e classe, se constituem socialmente, com expectativas e memórias que são exclusivas destes, o que lhes garante identidade, pertencimento, categorias necessárias para o sujeito enquanto ser social, dando condições de trocas que são típicas das populações da Amazônia Tocantina. Verifica-se, ainda, analisando essa fala, que os sujeitos carapajoara trabalham seu espaço, isto é, produziram sua cultura própria, que se estende através do tempo, criando uma tradição que vem por obra de sua memória e oralidade como registro das suas experiências.

Chega-se à conclusão de que o carapajoara aprende e transforma pela festa, por essa cultura que pode ser denominada como uma pedagogia festiva- que aqui conceituamos como um saber tradicional fruto da produção de significados dos pretos e pretas implementadas no seu cotidiano pela necessidade de promover meios de lutas pela sua sobrevivência, assim como processos de resistências, desse modo vão sendo formados saberes acerca da festa e em detrimento dela. Ribeiro (1982) evidencia que:

A festa como instrumento, representada pelo cotidiano, pelas famílias, pela experiência de vida, é uma escola, cujo sujeito pedagógico é o próprio povo, que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crença e valores, perpetuando um universo simbólico (RIBEIRO, 1982, p. 44).

Observa-se que o acúmulo de práticas e saberes que dominam a realidade e encontram-se intrinsecamente ligados a análise conjuntural desses sujeitos e sua relação com a festa são imprescindíveis para a própria identidade da vila. Sendo assim, a sobrevivência da cultura, das memórias, das práticas e das narrativas orais está diretamente relacionada aos conhecimentos que são produzidos historicamente acerca da festa, do dançar, do rezar, é a herança de uma ancestralidade preta que se mistura à realidade da Amazônia Tocantina. O que se ensina e se aprende nas condutas do festejar faz parte da memória cotidiana e da luta implementadas diariamente nos campos, social, cultural, político e ideológico dos carapajoara. Esses saberes relacionam-se com as constantes

produções de homens e mulheres e são reforçados através da compreensão da festa como um espaço de aprendizagem, como destaca dona Maria Joana.

Antigamente, a gente saía da igreja e sentava naqueles banquinhos que tinham lá na frente, era cheio de banco, então ali a gente conversava. Agora, tem uns movimentos diferente, tem mais participação, os povo são mais participantes da festa, os antigo já se foram, ensinaram o que tinham que ensinar e os novo vão tomando conta (Dona Maria Joana, 86 anos).

Esta fala reflete a relação de um sujeito social com as práticas desenvolvidas no seu lócus e alude a importância do culto a São Benedito acendendo e relocando a preocupação com a preservação da continuidade da festa, visto que sua existência é vital para aquela sociedade. Nessa continuidade, os saberes e práticas pertencentes a esse povo amazônica permeia o universo de produção dessa comunidade. As experiências festivas estão associadas aos saberes que o carapajoara herdou de seus antepassados em relação aos ritmos da festa, aos seus rituais. Essas formas de ensino foram repassadas de maneira informal aos filhos, netos, pessoas próximas num processo de socialização do conhecimento, por exemplo, o decorar do mastro e as músicas entoadas durante o trajeto desse símbolo. Esta cultura que se liga diretamente à memória de uma ancestralidade é muito importante para as famílias, porque esse aprendizado se dá nos encontros, nas conversas, nas descobertas e no próprio contato com a festa.

Ao analisar os processos de construção desses sujeitos, que compreendemos como seres sociais a partir dessa efetiva participação na concretização do culto a São Benedito e de seus discursos empoderados sobre o evento, verificamos, segundo afirma Orlandi (1999), que esses sujeitos produzem narrativas de um lugar e tempo histórico, o que os diferencia de outros, e que estão imbricados com uma profundidade de conhecimentos empíricos oriundos das experimentações diárias sobre as suas próprias práticas culturais. Essa gama de experiências e saberes que são evidentes em suas linguagens não são neutras, antes, vem carregada de um conteúdo simbólico que (re) significa a festa e funciona como uma mediação entre estes e a realidade, tanto natural quanto social. Por tudo isso, por diversas ocasiões chamamos os homens e mulheres que festejam São Benedito, de sujeitos sociais ou produtores de cultura pois, neles e deles, partem e estão os saberes que movimentam a cultura dessa região da Amazônia Tocantina.

Na relação de homens e mulheres das sociedades tradicionais da Amazônia, Carapajó não foge à regra, começando a festa desde cedo, pelos laços e braços dos seus. As

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa
relações com os saberes vão sendo construídas, ensinadas e aprendidas, e isso, comumente acontece nos espaços naturais, culturais e históricos.

Saberes singulares e diversificados no festejar, estão carregados de representações sociais, são vivenciados por toda uma população e criam acordos com o espaço geográfico e com o tempo histórico, permeiam o universo de aprendizagens que são audíveis e visíveis nas vozes e nas memórias de pessoas da comunidade.

Os saberes na/da festa estão por todos os lugares, no escolher do tronco que serve para o mastro, na montagem do cronograma para a programação das noitadas, na cozinha de São Benedito onde são vendidas ou doadas as refeições para quem chega ou está na festa, no fogueteiro que sabe exatamente a direção para que as pistolas alcancem maior velocidade e som, nas mordomagens com suas apresentações e sermões, no leilão de ofertas e em muitos outros ritos que se entrelaçam aos modelos de comportamento e de organização da vida social.

Nos discursos proferidos e utilizados nessa pesquisa, os saberes na prática festiva, ora foram evidentes, em outras precisam ser visibilizados, no entanto, eles estão ali e fazem parte da construção identitária desse povo. A ação do aprender e reconstituir significados e sentidos para/na festa tecem uma profunda ligação com as práticas, vivências e memórias, com a etno-história do festejar do preto, como podemos perceber no pensamento de Pais (2003):

O social não se resume àquilo que nos é dado com maior tangibilidade ou visibilidade. Mas para descobrir esse outro social submerso impõe-se desafios, convencionais e persistentes hierarquias de credibilidade. As falas do senso comum trazem um saber[...] são vocatórios de um conhecimento cuja propriedade oferecem a quem desse saber queira saber: através, da história de vida, da observação do participante (PAIS, 2003, p. 23; 134).

O modo como se festeja em Carapajó nasce desse saber dos sujeitos que produziram ao longo da sua trajetória de vida uma festividade aclamada popularmente e que se destaca como uma das mais importantes manifestações culturais e religiosas da região. Foi nas memórias, nas culturas, histórias, na fé que desvelamos os caminhos de uma festa do preto para o preto, como a consagração e símbolo da resistência e da capacidade de um povo que dribla as constantes tentativas de silenciamentos para ensinar e aprender sobre si e sua cultura e assim não deixar quebrar uma tradição festiva de mais de um século. Assim, diversas narrativas tiveram o poder de quebrar e reconstruir, levando ao íntimo de um conhecimento que está entranhado no corpo e na alma dos carapajoara. Um

aprendizado que se dá por meio da oralidade, recurso este diretamente responsável por todas as abordagens e conjecturas estabelecidas no percurso dessa pesquisa.

Práticas, festas, saberes, cultura, vão sendo repassadas pela oralidade, em geral, pelos mais velhos e vão sendo aprendidas e reorganizadas através de uma educação informal- nesse momento se aprende, vive-se, recria-se, renova-se o que fora recebido ao longo de gerações e leva-se essa gama de saberes para a pedagogia festiva. Dessa forma, além da preservação de uma identidade, que se encontra marcada pela ancestralidade negra, constrói-se novos rumos que exigem e fixam a presença de homens e mulheres pretos na festividade.

A luta e a resistência do povo carapajoaras insere-se nessa perspectiva de uma cultura em constante movimento, e que como tal, muda, desloca-se e desapropria-se de símbolos que favorecem a desestruturação de formas dominantes de poder. Percebe-se com isso que as camadas populares usam dessa tradição para subsidiar modalidades de ensino que estão muito além das institucionalizadas.

O que a festa ensina e o que se aprende na festa: a educação dos/nos saberes tradicionais

A construção social e de vida da população carapajoara ocorre mediante a preservação dos saberes tradicionais, na festividade de São Benedito, realizada na vila de Carapajó, município de Cametá, no Pará. Dessa forma, auxiliadas pela memória e oralidade local, percorre-se anos da história de um povo que construiu de forma simbólica, mítica e cultural trajetórias de lutas, vivências e religiosidade de seus antepassados. As narrativas aqui apresentadas são eivadas de memórias, através das quais, emergem angústias, sofrimentos e estratégias de resistências de um passado marcado pela escravização, quando era criado por meio da festa um outro mundo no qual trabalhadores rurais, carpinteiros, pedreiros, serventes e donas de casa se transformavam simbolicamente em “famílias reais”, assumindo os papéis de produtores de formas de resistências que sempre se fizeram presente cotidianamente. A partir disso, emergem ensinamentos e aprendizados empíricos realizados pelas pessoas que vivem a festa, aquelas que organizam, rezam, cantam, dançam e carregam o mastro. E assim, através dos falares de muita gente, se descortinam os espaços atravessados pelas relações vividas, da rota forçada de homens,

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa
mulheres e crianças, assim como, da busca de melhores lugares na festa e, conseqüentemente, de sua ascensão moral e social na vila de Carapajó.

Quando os pretos carapajoaras vão à festa e falam dela com o tom de posse e de pertencimento, vê-se claramente a insubordinação que precisou ser orquestrada e que se deu por meio da construção de teias de relações entre seus partícipes, elaboradas a partir da percepção de suas potencialidades, percebe-se com isso o estabelecimento de dialogias que se confrontam incessantemente, logo, as identidades construídas na festa são coletivas e frutos de um conhecimento preservado, ensinado e repassado através das gerações.

Então, abre-se uma perspectiva que é ler a festa do preto e o preto falando da festa como um viés em que se reforça a importância dos saberes e das tradições para a saída dos pretos de uma condição de subjugados. Para além da perspectiva eurocêntrica de um racismo que foi bebido, engolido e vomitado em terras tupiniquins, na festa há o reconhecimento e a validação do que é produzido como fruto de uma resistência à opressão, dominação e exclusão pelo capitalismo, colonialismo, patriarcado e valorização dos saberes oficializados.

Afirmar esses lócus de enunciação significa contrariar os paradigmas de uma hegemonia e marcá-la como um espaço de atuação e (re) afirmação política, identitária, cultural e de produção de saberes. A história dos carapajoara com a festa é representativa, faz referências a conflitos, tensões, silenciamentos, ora assumindo ora negociando os símbolos de uma identidade festiva ligada a cultura negra. Nesse sentido, as falas que aqui se constituem são emblemáticas, pois perpassam pelo discurso do colonizador que hierarquizou, segregou os produtores culturais e subalternizou seus lugares. A partir dessas narrativas abre-se um vasto caminho para uma reflexão sobre a atuação dos pretos, que no início do culto a São Benedito estiveram marginalizados e que, na luta contra esse racismo cultural foram arquitetando ações de resistência, entre as quais estão, a exemplo, a inserção do mastro na festa. Esse elemento com uma imensidade de traços da cultura negra (dança, os tambores, a bebida, o cantar) descortinou a colonialidade e enfrentou bravamente o racismo.

Tendo por base a memória, mediante a oralidade local, revisita-se anos de histórias e vivências de uma população que construiu de forma simbólica, mítica e cultural trajetórias de lutas, experiências cotidianas, formas de trabalho e religiosidade herdada de seus antepassados. E, ao longo da trajetória social, cultural e identitária da vila de Carapajó, por

meio da festividade de São Benedito demonstra-se uma inquietação efetiva de uma população, a de que homens e mulheres firmassem uma produção autônoma para o seu desenvolvimento cultural e educativo próprios considerando as bases dos saberes locais praticados pelos pretos e pretas daquela região. As linhas aqui registradas se fazem nesse olhar, na experiência do preto em uma festa que provocam sua ascensão social, tem-se então, a trajetória e os desdobramentos desse percurso permitindo-nos vislumbrar formas informais de produção de conhecimento e aprendizagem.

Neste sentido, segundo afirma Pinto (2007), práticas, saberes, devoções, crenças, orações e ritos, com suas menções simbólicas, vão sendo repassados oralmente pelos mais velhos e são assimilados por meio de uma educação informal, na qual jovens, adultos e crianças vivem, preparam, recriam, repassam e renovam “tais conhecimentos, através da organização das festas, das curas com rezas e ervas, da forma de viver e trabalhar coletivamente, além de tentar preservar a identidade”, que se encontra enraizada no legado cultural da sua ancestralidade, apontando rumos para a reconstrução de melhores condições de vida, exigindo inclusão social e respeito, tanto no que tange aos saberes herdados, quanto nas lutas e resistência do povo preto, no que se refere à diversidade e às diferenças étnicas e culturais (PINTO, 2007, p.16).

Nesses meandros se observa os ensinamentos empíricos que eram/são realizados pelas pessoas que vivem a festa de São Benedito na vila de Carapajó, através das mãos que carregam o mastro; das bocas que cantam, comem e produzem falares de muita gente; da movimentação corpórea de quem gestualiza, reza, promete e dança; todos imbricados nos espaços atravessados pelas relações vividas, cujas lembranças não escapam as travessias forçadas de homens, mulheres e crianças em busca de melhores lugares na festa e, conseqüentemente, da ascensão moral e social.

Expressivamente, a valorização dos saberes oficiais (ditos científicos) em detrimento das outras formas de conhecimento tem sido preocupante para os estudiosos das tradições populares. Dessa forma, a partir de uma nova perspectiva, considerou-se nessa unidade, as epistemologias contidas na festividade de São Benedito, no sentido de proporcionar entendimento sobre a relevância de uma educação para além dos bancos da escola. Tendo essa postura, temos aqui, uma base para futuras contribuições acerca dos processos informais de ensino, dada a relevância da utilização dos saberes tradicionais na

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa
fundamentação das práticas sociais, na resistência e poder atribuídos às populações que se empodera através do que é ensinado, aprendido e praticado na festa. Como algo vivo, a educação enlaça-se às práticas culturais da vila de Carapajó, no município de Cametá/Pará, consolidando-se em experiências com alma, sentimentos e sonhos de um povo que outrora viveu sob a opressão do capitalismo, da colonialidade e do patriarcado.

A festa de São Benedito é um importante instrumento educacional das pessoas que moram em Carapajó, precisamente porque instrumentaliza, está cercado de visões de mundo, valores, avaliações, perspectivas de um modo de ser que se identifica e se reconhece emblematicamente em santo de pele negra como a dos seus moradores. Autores como Brandão, posicionam a educação em campos diversos, possibilitando, inclusive, que a concebamos como tempo e espaço de aprendizagem. O aprender na/da festa está atrelado com as coisas da vida e se apresenta como cultura do cotidiano, não do rotineiro, mas como movimentos que transpõem para algo mais, os quais fazem com que os envolvidos valorizem o que aprenderam e queiram fazer dessa, a sua experiência, o seu aprendizado.

[...] todo acontecimento da educação existe como um *momento motivado pela cultura*. Mas toda cultura humana é um fruto direto do trabalho da Educação. [...] aprendemos *na e da cultura* de quem somos e de quem participamos (BRANDÃO, 2002).

Nesses tempos de um fascismo extremado e de constantes agressões racistas sofridas pelo preto, tanto por sua cor quanto por sua cultura, colocar a festa como produtora de saberes, faz-se imprescindível, para que se compreenda as festas populares como uma identidade pretendida que reclama debate público que a reconheça como promotora da dignidade social. É importante interpretar a festa de São Benedito em Carapajó como legítima expressão de saber cultural e político desse povo. Nesse viés, o aprendizado aqui, está na genética da festa, na hereditariedade que proporciona a continuidade. Conforme esclarece Amaral (1998), o festejar brasileiro, por suas características peculiares, pode ser considerado até mesmo oposto à ideia de “alienação” que envolve uma dimensão do aprendizado da resistência e relações de poder, oportunizando visibilidade histórica por parte do povo.

Pretende-se, então, visualizar o sentido da festa de São Benedito, num contexto no qual emerge, reiteradamente, uma simbologia espaço-temporal de *diáspora* que nega e afirma, bem como produz e reproduz, educacionalmente e de forma coletiva, identidades que carregam interesses contraditórios do ponto de vista social, simbólico, cultural e político. O aprendizado aqui, está na genética da festa, na hereditariedade que proporciona

a continuidade. As narrativas e autores estudados possibilitaram compreender a festa como estratégia de educação e formação para a resistência e tomada de poder. Ela, de diversas formas, ensina aos sujeitos sociais um aprendizado que tem a ver com seu próprio cotidiano, sua participação e atuação na festa. Dentro desse espaço, chamo esse aprendizado de pedagogia festiva. Compreendendo que o papel da Educação, seja ela formal ou não, de estabelecer diálogo comunicativo entre suas práticas e o meio social de forma a fazê-los membros de sua comunidade, integrando-os, homens e mulheres, no seu meio social e cultural como atores e protagonistas de sua própria cidadania. No aprendizado efetivado nesses espaços convive-se com a produção do sagrado que sustenta os vínculos destas relações, estreita os elos espirituais de todos com todos, inclusive com o santo da devoção, derivando disso uma troca estabelecida e uma continuidade geradora do compromisso muitas vezes assumido como legado de herança de pais para filhos, como bem destaca Wescley Silva, em sua fala a seguir:

A festa ensina valores e a questão de que na festa os familiares que moram nas outras cidades se reúnem aqui para festejar é fundamental para as relações. Esse processo que é introduzido a partir do momento que o pai leva o filho na praça nem que seja pra brincar, e ela está toda enfeitada e cheia de vendas, daí já é perceptível que é uma ocasião especial, a criança assimila. Quando vão acompanhar a procissão, o círio, o mastro, a missa acontece a mesma coisa. (Wescley Silva, 41 anos).

Cox (1974) fala de festa como “habilidade de celebrar descontraidamente que é mais encontradiça entre as populações a quem não é estranho o sofrimento e a opressão”, logo, por meio da festa há para as populações tradicionais um momento único de celebrar e demonstrar a liberdade alcançada. E as correntes quebradas são inúmeras e atravessam campos significativos de luta por direitos e espaço (COX, 1974). Assim, celebra-se a cultura, a tradição, a memória e também suas experiências. A fala de Wescley Silva, dá a convicção de que as crianças carapajoara estão sendo introduzidas na festa como um símbolo da continuidade destas. Nesse sentido, estão abstraído sua funcionalidade e percebendo como ela é produzida, dando a certeza ou ainda a esperança de que estas vão repetir-se ou resinificar-se e dar prosseguimento ao culto de São Benedito. Quando o pai conduz o filho à festa tem-se uma situação de aprendizagem que salta aos olhos. Toda vez que acompanhamos o festejo ao santo preto, vemos em todos os seus espaços as crianças tendo a oportunidade de se fazerem aprendizes daquele ritual. A assimilação que Wescley

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa fala já traduz que esses meninos e meninas não estão aquém da importância do festejo, mas que estes, já podem ser encarados como produtores culturais, concretizando e possibilitando que a aprendizagem, crença e a tradição expressas na festa sejam fundamentadas.

Imagem 1- De pequeno se aprende o valor da festa



FONTE: Fernanda Varela- 2020.

A aprendizagem, mesmo que não esteja evidente aos alheios das práticas educativas contidas nos saberes tradicionais, aprofundam a compreensão da festa. Dessa forma, para além das produções formais, os cânticos, as memórias, os valores são ingredientes bebidos e reproduzidos por essas crianças. Podemos pensar, então, a festa de São Benedito como uma grande escola, na qual se aprende, como fora produzido na narrativa do professor Wesley, valores e sociabilidade. “Enquanto ritual, a festa reproduz de forma simplificada a sociedade que a produziu; ela desenvolve uma espécie de

pedagogia social” (Ribeiro Júnior, 1982, p.42). Apesar dessa presença simbolicamente atrelada a criança representar certa inocência ou fragilidade- essa seria uma leitura errônea já que a festa é uma representação da vida em sociedade, na qual mesmo entre as crianças e sua participação nos ritos está a luta pelo exercício do poder- veja que a presença das crianças no sentido de continuação significa para Pessoa (2005, p. 39):

A dimensão educativa da festa expressa-se, especialmente, numa ambiguidade que lhe é intrínseca: a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões. Festejar ou simplesmente festar, como dizemos num genuíno "goianês", é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e de sabedoria a preservar e, ao mesmo tempo, o quanto temos a aprender com as transformações da história, com a lenta mudança das mentalidades. Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias.

A festa vai à escola, tanto que há noitadas cujos romeiros são a comunidade escolar. E bem se vê que cada escola capricha nas indumentárias, na liturgia, no foguetório, nos prêmios do bingo. É preciso mostrar seu poder enquanto instituição, ali no espaço da igreja, no espaço da festa. E se a festa está na escola, parando suas atividades e chamando a atenção para si, recria-se então, essa relação de deslocamento dos saberes de um lócus formal de ensino para outro que abriga a diversidade contida nas manifestações de cultura popular. Nas falas contidas nesse artigo, a festa é um potencializador do conhecimento, por sua diversidade de formas, linguagens e sujeitos. Além disso, cabe ressaltar que a cultura é móvel e como tal passa por diversas e substanciais modificações. Para mais, no modo como a festa se transformou houve mutações em suas estruturas com o acréscimo de novas possibilidades, que podem ser alusivas também, a maneira como se ensina e se aprende sobre as tradições e saberes locais.

A perpetuação de um saber que antes era realizada através de uma educação formal hoje se encontra, também, no ensino não-formal o que é enriquecedor para a história

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa
da vila. Além do mais, os carapajóaras se preocupam com o índice de crianças e jovens inseridos na cultura festiva. Percebe-se então que há a inquietação e uma articulação para que a festividade continue frutífera. É uma atenção necessária, devido ao fato de muitas crianças ao se iniciarem na cultura da festa permanecerem nela até o final de suas vidas terrenas. A preocupação com a manutenção cultural é algo que tem que permanecer constante para sedar continuidade a uma tradição secular de festejar São Benedito.

Considerações finais

Nas etapas que se seguem na festividade, vê-se as formulações de um culto que ensina e onde se aprende. Nas novenas, a exemplo, os romeiros, mordomos, cerimonialistas, as pessoas que tomam e podem usar a palavra na igreja, rapidamente dão a dimensão que estes, não necessariamente, tiveram uma boa formação escolar, mas atuam enquanto líderes comunitários, como lideranças jovens, femininas - o movimento social invade a igreja e durante os sermões além de ensinarem a palavra de Deus, deixam seus recados quanto a importância de uma educação que modifique sua trajetória de vida. Na festa, portanto, através desses interlocutores assume-se nas falas políticas muito fortes que impregnam no imaginário local e se difundem como formas de aprendizado para mais tarde ou ali mesmo já formar novos atores sociais. Não há assim como associar a festa a uma prática alienante, pelo contrário, a interação entre essas lideranças e a “profusão” de suas falas naquele espaço (igreja) protagonizam os sujeitos dentro dos conceitos de cidadania. Milton Santos, em *o Espaço do Cidadão* (2007), já conduzia para esse raciocínio, libertador apreçoada as práticas informais de educação:

A educação corrente e formal, simplificadora das realidades do mundo, subordinada à lógica dos negócios, subserviente às noções de sucesso, ensina um humanismo sem coragem, mais destinado a ser um corpo de doutrina independente do mundo real que nos cerca, condenado a ser um humanismo silente, ultrapassado, incapaz de atingir uma visão sintética das coisas que existem, quando o humanismo verdadeiro tem de ser constantemente renovado, para não ser conformista e poder dar resposta às aspirações efetivas da sociedade, necessárias ao trabalho permanente de recomposição do homem livre, para que ele se ponha à altura do seu tempo histórico (SANTOS, 2007, p.57).

A partir disso, entende-se que a educação pode se dar em qualquer ambiente que comungue para a construção de vivências nas diversas relações e experiências humanas como a troca de saberes que assumem sentido/significado para os seus pares. Na festa, a educação não está associada a um banco de escola, a diplomas, mas está nos corpos que criam e recriam formas de expressão que dizem muito mais que sua própria movimentação.

O que se canta, o que se dança, o que é narrado e até mesmo o que fica no silêncio comunica o que há dentro da festa. Assim, tece-se na festa de São Benedito definições que identificam os sujeitos, suas trajetórias de vida, suas experiências e lutas e é nessa experiência, nas condições de trocas mútuas que afirmamos que a educação acontece.

Os dias que são usados para o cortejo de São Benedito são totalmente organizados por devotos que possuem uma consciência crítica, que assumem lideranças na Vila (igreja, grupo de jovens, mulheres, sindicatos, associações, idosos), é perceptível que os movimentos sociais se inserem na festa e promovem na igreja, nas mordomagens e novenas, falas que reverberam lições de vida e cidadania, permitindo a quem acompanha o evento a reflexão/ação sobre sua condição/direito de igualdade social.

Tudo que se aprende, tudo que é ensinado na festa não está nos livros didáticos, não faz parte do currículo das escolas do município, tão menos das instituições que estão/temos em Carapajó, onde reside a cultura dominante. Contudo, essa “educação ideológica” que dá a cada sujeito o entendimento do seu lugar na festa e da festa, assegura poder ao preto, ao subalterno. O festejo de São Benedito vai se organizando, difundindo valores, construindo e fortalecendo as identidades locais possibilitando a fomentação de uma cultura a que é social, educacional e política, como perceptível nas fotos abaixo, em que se destaca a organização feminina para o cortejo do mastro de São Benedito. Em volta dessas mulheres estão as crianças que compreendem desde pequenas o significado e importância de suas tradições e em oração, com as mãos no simbolismo por trás de um tronco de madeira enfeitado, entoam suas orações como aprenderam a fazer com os seus antepassados.

Desse modo, a festa colabora para sustentação e revigoração da memória e de tudo o que foi construído, ensinado e aprendido no entorno dessa devoção. Os sujeitos encontram nesse lugar e evento exemplos de luta e resistência. A forma como a festa se desenha chamando para ela os populares demonstra como a mesma se constitui em um cenário que se congrega e enaltece os antes, invisibilizados. Essa movimentação atemporal e em vários setores demonstra que a cultura não é uma só, não é exclusivamente dominante ou subalterna, não é folclore, não estagnação.

O que se aprende nesses espaços sinaliza para uma igreja (hegemonia) convivendo com a rua, com a família, com outras dimensões que ficam afastadas quando estamos no

Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa
período da festa de São Benedito - A casa, a rua, o trabalho como bem lembrado por Da Matta (1997), passa a construir formas genuínas de educação, portanto, sai-se definitivamente de um entendimento colonizador de educação para a vê-la em todos os espaços e, muito mais ainda, nos ritos presentes na Festa de São Benedito.

Essas relações (igreja, rua, casa, festa) revitalizam os vínculos, inclusive os espirituais, dá-se numa dimensão em que são reforçadas às linhagens posteriores, a necessidade de continuidade dessa prática cultural - constitui um compromisso entre pais e filhos, entre as gerações, entre os jovens e os idosos de uma construção comunitária para a manutenção da tradição, da memória e da história de uma festa que reconheceu o preto (sujeito) e o preto (santo) como categorias que tomaram o poder.

Essa percepção, a partir desse amplo movimento feito pela cultura é trazido para as formas de “educar” dentro da festa, são reiteradas pelo antropólogo Brandão (2002, p. 141),

Todo acontecimento da educação existe como um momento motivado pela cultura. Mas toda cultura humana é um fruto direto do trabalho da Educação [...] aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos.

Baseada em Chauí e Brandão, percebe-se a festa como um espaço de aprendizagem. Não falamos de banco da escola, portanto, não falamos de uma educação formal. Estabelece-se no festejo práticas educativas que vão além, misturam-se à vida do morador local, ao que ele reconhece como seu, a sua historicidade e cultura, as suas experiências, aos seus saberes que foram se erguendo no cotidiano, que vieram das relações estabelecidas durante a trajetória de vida deles.

Um povo que aprende e que ensina na festa e durante sua duração e além, não poderia ser alienado. Saí aos poucos de uma cegueira metodológica e apaixono-me ainda mais por essa pesquisa quando passo a ver claramente toda a relação construída na festa- estamos diante de um campo simbólico de lutas que adentram nas relações de força, ordem, submissão, quebra-se todo esse discurso hegemônico e faz-se uma festa de liberdade, de educação e transposição do controle opressor.

As manifestações (re) apresentadas a partir da festa e das demais culturas que se envolvem dentro e no seu entorno fortalecem e dão importância à relação das pessoas com suas heranças culturais. Dessa forma, as discussões sobre o termo pedagogia da festa assumem a função de olhar uma diversidade pedagógica, cultural e social que exalam simbolismos em Carapajó. Isso abre espaço para uma discussão e valorização acerca dos saberes que estão para além das diferentes manifestações culturais.

Referências

- ALMEIDA, Rogério. Tecendo saberes: agricultura familiar com princípios agroecológicos na Amazônia paraense. Apacc, 2007.
- AMARAL, Rita de Cássia. **A Alternativa da Festa à Brasileira**. In: Sexta-Feira. Ano 2, n. 2. São Paulo, Pletora, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercados de Letras, 2002.
- BRANDÃO, Luis Carlos. **O que é Educação?** (Coleção Primeiros Passos – n 20). São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro, 1997.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: Enigma e revelações**: São Paulo: Cortez, 2003.
- PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Memória, oralidade, danças e rituais em um povoado amazônico**. BCMP-Editora- Cametá: 2007.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SANTOS, Milton. **"Do cidadão imperfeito ao consumidor mais que perfeito". Do livro "O espaço do cidadão"**. (coleção Milton Santo, 8). São Paulo, Edusp, 2007.
- VARELA, Fernanda N.P. **"Uma festa de pretos": Ecos de resistências e poder no culto a São Benedito em Carapajó/Cametá-Pará**". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Cametá-Pará, 2020.

Notas

ⁱ A Amazônia Tocantina compreende o mundo das águas da microrregião de Cametá, mais conhecida como Baixo Tocantins, é organizado pelos rios Moju, Pará e o caudaloso Tocantins. Sete municípios compõem a região: Abaetetuba, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará. Em maior ou menor profundidade, a região sofre os impactos da barragem de Tucuruí, com ênfase para a redução do pescado (ALMEIDA, 2007).

Sobre os autores

Fernanda Nílvea Pompeu Varela

Professora de Língua Portuguesa nas séries finais do Ensino Fundamental, município de Cametá/PA. Mestre em Educação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da UFPA-Campus Universitário do Tocantins, Cametá/PA. Integrante da pesquisa “História, Educação, Cultura e Saberes Afro-Indígenas na região Amazônica e dos Grupos de Pesquisa do CNPq: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) & Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA). Possui Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Língua Portuguesa-UFPA (2008), é graduada Plena em Ciências Naturais com Habilitação em Biologia-UEPA (2012). Especialista em: Literatura e Leitura-UFPA (2011), Gestão e Supervisão Escolar-UNINTER (2012) e formação complementar em Escolas Sustentáveis e Com-vida-UF (2012). E-mail: nilcameta@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3282-0359>

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) - Brasil. Docente da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, Pará, Brasil. Integrante do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia PROCAD-AM (UFPA/PPGEDUC-UFMT/PPGE-UFAM/PPGE): Políticas Educacionais, linguagens e práticas culturais na Amazônia. É Líder dos Grupos de Pesquisa do CNPq: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) & Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA). É coordenadora da pesquisa “História, Educação, Cultura e Saberes Afro-indígenas na região Amazônica. Pesquisadora na área de conhecimento História Social e Cultural da Amazônia, atuando nos temas: história, educação, povoações quilombolas e indígenas, cultura popular, resistência negra, escravidão, racismo, memória, oralidade, gênero, saberes tradicionais, religiosidade e inclusão educacional. E-mail: celestepinto@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

Flávio Bezerra Barros

Doutor em Biologia da Conservação pela Universidade de Lisboa, Portugal. Professor associado do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF) da UFPA. Atua como docente-pesquisador nos Programas de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (INEAF-UFPA) e Antropologia (IFCH-UFPA). Participa ainda como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Lidera o grupo de pesquisa do CNPq “Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia” (BioSE/CNPq). Coordena o projeto de pesquisa “Comida de quilombo no Brasil: saberes, práticas alimentares e experiências em contextos do Sul, Centro-Oeste e Norte, financiado pelo CNPq/MCTI. Atualmente é presidente da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE) e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: flaviobb@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6155-0511>

Recebido em: 20/01/2021

Aceito para publicação em: 12/02/2021